

## UMA CONTRIBUIÇÃO À CRÍTICA DO NEOLIBERALISMO: A ANÁLISE DE RAÚL PREBISCH SOBRE O MONETARISMO

Paulo José Koling<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nas análises que Raúl Prebisch fez sobre o desenvolvimento econômico latino-americano, enquanto intelectual e/ou membro da Cepal, que resultaram numa visão da divisão internacional do trabalho fundamentada na relação dualista do sistema centro-periferia e num projeto para a superação da condição periférica dos países da região, percebe-se um fio condutor em sua crítica à teoria do livre comércio. Após revisar as referências teóricas da sua formação acadêmica e dos primeiros anos de atuação profissional na Argentina, no texto do *Manifesto Periférico*, de 1949, já na Cepal, foi incisivo ao afirmar que a teoria clássica não passava de teoria. Neste período também expôs em texto da Comissão que o livre mercado não existia, pois não havia livre mobilidade do trabalho no âmbito internacional. Na década de 1970, porém, ao problematizar o *capitalismo periférico* e vivenciar as mudanças da política estadunidense do dólar e dos juros, decorrentes das crises do petróleo (1973 e 1979), Prebisch se contrapôs ao *novo liberalismo* de Friedman e Hayek.

**PALAVRAS-CHAVE:** Raúl Prebisch; Pensamento Periférico; Neoliberalismo.

**ABSTRACT:** In the analysis that Raúl Prebisch made on the Latin America economic development, when he was an intellectual and/or member of ECLA, which led to a vision of the international division of labor based on the dualistic relationship of the center-periphery system and to a project to overcome peripheral condition of the countries in that region, it is noticed a common thread in his criticism to the free trade theory. After reviewing the theoretical references of his academic formation and the first years of professional experience in Argentina, the text *Peripheral Manifest*, 1949, he was already in ECLA, he was incisive when he affirmed that the classical theory was only theory. He also explained, in this period, in a Commission text that the free trade did not exist, because there was no free market mobility in the international ground. In the 1970s, however, when he problematized the *peripheral capitalism* and experienced the changes of the American dollar and the interest rate policy, due the oil crises (1973 and 1979), Prebisch was against to the new liberalism of Hayek and Friedman.

**KEYWORDS:** Raúl Prebisch; Peripheral Thought; Neoliberalism.

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela PUCRS; Professor na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: [pjkoling@unioeste.br](mailto:pjkoling@unioeste.br); [pkoling@gmail.com](mailto:pkoling@gmail.com).

*Compreenda, Milton Friedman! Compreenda-o também, Friedrich von Hayek! Um processo genuíno de democratização estava sendo construído em nossa América Latina, com grandes dificuldades e freqüentes atrasos. Porém sua incompatibilidade com o regime de acumulação e distribuição de renda conduz para a crise do sistema. E a crise leva à interrupção do processo, à supressão da liberdade política. Condições propícias para promover o jogo irrestrito das leis do mercado. Tremendo paradoxo de vocês. Exaltam a liberdade política e os direitos individuais. Porém, não se dão conta de que nestas terras periféricas a prédica de vocês só pode frutificar suprimindo essa liberdade e violando esses direitos? Tremendo paradoxo e tremenda responsabilidade histórica. Porque, além de provocar e agravar as desigualdades sociais, as ideologias que vocês defendem conspiram flagrantemente contra o iniludível empenho de se chegar a novas formas de entendimento e articulação entre o Norte e o Sul. O mal que estão fazendo com vosso dogma é imensurável!*  
Raúl Prebisch (1982, p. 63)

Tratando-se da trajetória intelectual de Raúl Prebisch [1901-1986], economista argentino, considerado o principal teórico da *escola desenvolvimentista*, desde seu ingresso na Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), em 1949, é possível identificar sua crítica à teoria clássica do livre comércio. Se no *Manifesto dos Periféricos*, “*O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas*”, Prebisch (1949) foi incisivo em sua crítica à teoria clássica, evidenciando a insustentabilidade histórica e a retórica das vantagens comparativas aos países latino-americanos e defendendo a necessidade da industrialização, em sua *crítica ao capitalismo periférico*, elaborada entre 1976 e 1981/82, teve que revisar sua abordagem inicial, atualizar sua interpretação periférica, contrapor o *novo liberalismo* em voga nos países centrais, principalmente nos EUA e na Inglaterra, e avaliar os riscos que uma política monetarista e de abertura econômica e comercial representaria à periferia latino-americana. É a partir desta segunda delimitação, da crítica à teoria clássica do livre comércio, somada a primeira noção da condição periférica, que consideramos válido e oportuno o ato de revisitar a interpretação prebischiana do desenvolvimento periférico, com suas revisões e autocrítica e a crítica dependentista.

## **O contexto da abordagem prebischiana**

Em seu artigo de 1985, Prebisch expôs que teve a oportunidade de vivenciar duas grandes crises do capitalismo central e avaliar suas implicações à periferia. A primeira teve seu início com a crise de 1929 e se estendeu até o final da segunda guerra mundial, em 1945.

Já a segunda grande crise cêntrica ocorreu nos anos de 1970 e esteve relacionada à crise do petróleo. Ambas exigiram de Prebisch uma revisão teórica sobre o desenvolvimento. Na realidade, a *teoria do sistema centro–periferia* foi o resultado da reflexão sobre a condição periférica neste período. Além disso, este processo histórico foi o laboratório do *modelo substitutivo de importações* (cf. TAVARES, 1983). Na avaliação de Raúl, as duas grandes crises centrais e sua exportação à periferia confirmavam sua interpretação do sistema centro–periferia e o sentido estrutural nas relações de dependência. Da mesma forma, no período seguinte às crises os rumos do desenvolvimento foram definidos a partir do restabelecimento da dependência e da hegemonia na parte cêntrica, na parte periférica e no sistema. Enquanto que no período do pós-1929 e do pós-1945 a reconstrução e a recuperação do capitalismo foi orientada pelos princípios keynesianos nos países centrais, conforme Osvaldo Sunkel e Pedro Paz (1991), a América Latina experienciou a industrialização substitutiva “fácil”. A criação da Cepal fez parte deste processo, porém, mesmo incorporando o “espírito” do planejamento do crescimento econômico como solução dos problemas da pobreza (seus males e seus riscos), manteve certas diferenças por interpretar o desenvolvimento a partir dos problemas periféricos, sendo que os de origem externa provinham do próprio sistema centro–periferia.

No segundo caso da grande crise cêntrica, a recuperação do centro cíclico principal, a economia norte-americana, foi acompanhada de uma nova hegemonia neoliberal, crítica do keynesianismo e do desenvolvimentismo. Os cenários da propagação do ajuste neoliberal e suas implicações para os países latino-americanos foram temas da análise prebischiana do capitalismo periférico (excludente e conflitivo), atualizando a estrutura e o sentido das pressões cíclicas no sistema centro–periferia.

Recentemente, Maria da Conceição Tavares, José Fiori (1996) e Laura Soares (2001) analisaram as implicações do desajuste neoliberal em alguns países latino-americanos fazendo uso, inclusive, de referenciais teóricos e históricos da concepção prebischiana.

Em sua *crítica ao capitalismo periférico*, Raúl Prebisch aprofundou a teoria do sistema centro–periferia, incorporou elementos da *teoria da dependência* (CARDOSO e FALETTO, 1970), avançou em sua análise sobre a propagação da crise cêntrica às custas da periferia e os resultados sociais, políticos e econômicos de uma *mudança regressiva nas relações de poder*, que acentuariam a heterogeneidade estrutural e a dependência periférica. Também destacou a uso da força do Estado e seu fechamento à luta distributiva. Obviamente que seu ecletismo se misturou com os dois caminhos da crise estrutural no *capitalismo periférico* e sua nova síntese histórica da equidade (do uso social do excedente), como solução

definitiva às duas falhas do mercado (horizonte temporal e horizonte social), apresenta sérios limites teóricos e históricos. Todavia, mesmo mantendo a noção de excedente no interior da teoria liberal, na crítica do caráter excludente e conflitivo do capitalismo periférico, ele introduziu a genealogia das relações de poder no desenvolvimento e a centralidade dos interesses pelo controle do Estado e da acumulação do capital. A partir desta nova abordagem, os rumos do desenvolvimento deveriam passar pelo domínio do poder econômico e político e sua regulação enquanto estado de direito. Sua crítica ao *novo liberalismo* e o debate contra Friedrich Hayek e Milton e Rose Friedman esteve centrado nestes pontos.

Percebe-se uma lacuna na historiográfica do desenvolvimento latino-americano sobre esta crítica prebischiana ao *neoliberalismo*, ainda mais se for levado em consideração que, na crítica ao capitalismo periférico, ele retomou e aprofundou o enfoque redistributivo produzido no interior da Cepal durante a década de 1960, incluindo elementos da análise histórico-estrutural, polemizando com os expoentes do *neoliberalismo*.

Enquanto que o conceito de sistema centro–periferia resultou de uma reinterpretação crítica do *modelo de crescimento para fora* e da sua base teórica, tendo em vista as mudanças ocorridas período de 1929 a 1945, na análise da crise estrutural do *capitalismo periférico*, o velho *novo liberalismo* e seu projeto de reinserção periférica foram definidos como parte da exportação daquela crise cêntrica, necessária ao restabelecimento do crescimento cêntrico em detrimento do desenvolvimento periférico, e da recomposição da hegemonia e da dependência nos quadros do capitalismo neoliberal.

A novidade interessava àqueles que, a exemplo do caso argentino (1976) e chileno (1973), na periferia, eram contrários ao avanço da luta sindical e política dos trabalhadores. Raúl Prebisch também esclareceu que os grupos dominantes centrais eram aliados dos grupos dominantes periféricos na reação contra a luta distributiva.

A teoria do sistema centro–periferia tinha o propósito de contestar o *modelo de crescimento para fora*, sua forma de inserção internacional e sua teoria (*tese das vantagens comparativas*), e fazer a defesa da industrialização (*modelo de desenvolvimento para dentro*). Neste sentido, a descrição da origem do sistema centro–periferia, através da propagação internacional do progresso técnico (desde a revolução industrial inglesa até a fase periférica), os “tipos” de centro cíclico, os “modelos” de desenvolvimento periférico latino-americanos, as características das partes e suas relações no sistema centro–periferia (divisão internacional do trabalho), integravam o *Manifesto dos Periféricos* (FURTADO, 1995)..

A economia política periférica teve centralidade na crítica à teoria clássica e neoclássica. Desta crítica provém a base estrutural da nova interpretação, à luz periférica latino-americana. Os princípios gerais da economia capitalista moderna estruturavam o sistema centro–periferia, tendo como núcleo central o progresso técnico (sua inovação e difusão) e suas implicações nas formas de produzir e de consumir, bem como na característica cíclica do crescimento econômico. A dependência do progresso técnico era comprovada através da deterioração dos termos de intercâmbio e da elasticidade-renda, confirmando, com isto, que a teoria e o modelo pretérito, não garantiriam futuro à periferia.

Dos argumentos apresentados por Raúl Prebisch, em sua economia política periférica na crítica à tese das vantagens comparativas, *o mais contundente deles foi seu questionamento acerca da existência ou não da mobilidade internacional da força de trabalho*. Na realidade, de toda a teoria estruturalista, *este é o argumento mais simples, porém é o mais profundo*, uma vez que redimensiona o debate para as relações capital-trabalho. Entretanto, hoje, este argumento prebischiano passa em branco na historiografia, apesar de ocupar seu espaço nos textos fundadores. Na realidade, se houvesse livre mobilidade internacional da força de trabalho, o sistema centro–periferia perderia seu conteúdo.

A questão da mobilidade da força de trabalho nos processos de integração não é consenso, mesmo naqueles que se autodenominam de livre-comércio. Samuel Pinheiro Guimarães (2000) discute este tema em sua crítica ao projeto da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) e esclarece que os governos dos Estados-Membros não o colocam na pauta de negociação. No NAFTA há barreiras e vigilância nas fronteiras para evitar esta mobilidade.

Da economia política periférica prebischiana é possível abstrair outra referência que demarca a heterogeneidade no sistema centro–periferia, nos termos da crítica ao livre comércio internacional. Ao juntar o movimento reflexo com o protecionismo cêntrico e periférico, praticamente, resolve-se o assunto sobre a possibilidade de haver ou não vantagens “periféricas” numa formação de livre-comércio com países desenvolvidos.

### **Capitalismo periférico e o neoliberalismo**

Em sua última *etapa intelectual*, a quinta, Raúl Prebisch (1981, p. 22 ss) sistematizou tanto uma revisão da sua trajetória (individual e cepalina), como sintetizou, com mais precisão, sua concepção sobre o desenvolvimento do capitalismo e esboçou uma nova perspectiva para a superação da condição periférica através da transformação do sistema na

América Latina, visando a uma equidade social. Para isso, retomou pontos da interpretação inicial, como revisou e incorporou elementos da crítica interna (enfoque redistributivo) e externa (teoria da dependência). Para ser mais exato, em suas últimas reflexões, ele aprofundou sua interpretação do desenvolvimento do *capitalismo periférico* no contexto da década de 1970. Porém, o *capitalismo periférico* era visto, ao mesmo tempo, como parte e produto histórico do sistema mundial (global) da *sociedade de consumo* e uma forma específica de construção do capitalismo nestas terras, como ele mesmo enfatizou (PREBISCH, 1982, p. 63), pois o capitalismo daqui não era igual ao dos países mais desenvolvidos e não poderia repetir passo-a-passo a trajetória cêntrica. Como afirmou na obra de 1981: “O desenvolvimento periférico é parte integrante do sistema mundial do capitalismo, porém se desenvolve em condições muito diferentes das dos centros, de onde surge a especificidade do capitalismo periférico” (PREBISCH, 1981, p. 37).

Tratando-se desta revisão, amadurecida durante os anos 70, sobre o *capitalismo periférico* no sistema centro–periferia e sua *transformação* como solução definitiva dos seus paradoxos internos (exclusão e conflito), marcados pela insuficiência dinâmica e pela luta política e distributiva, a interpretação prebischiana se manteve como crítica do *regime pretérito* e como proposta de reforma do sistema capitalista, isto é, o caminho latino-americano não deveria trilhar nem os rumos da divisão internacional do trabalho baseada nas vantagens comparativas, seja o do modelo anterior de *crescimento para fora* ou o do *novo liberalismo* – retomado por Hayek e os Friedman, na década de 1970 –, nem reproduzir literalmente o padrão cêntrico, muito menos o do socialismo concreto (PREBISCH, 1985).

Diante das circunstâncias históricas e estruturais do capitalismo e da nova grande crise cêntrica vivida nos anos 70 e da vulnerabilidade externa da periferia, Prebisch elaborou seu projeto de superação do *capitalismo periférico* através da síntese entre *liberalismo* e *socialismo*: um sistema baseado no *uso social do excedente*<sup>2</sup>, como formação histórica (política, econômica, social e ética) capaz de evitar as crises (a de origem cêntrica e a interna periférica) do/no capitalismo periférico.

---

<sup>2</sup> Na *Nota de Agradecimento* da obra *Capitalismo Periférico – crisis y transformación*, Raúl Prebisch fez menção à contribuição teórica dada por Aníbal Pinto, partindo dele a expressão “*uso social do excedente*” que Raúl Prebisch incorporou em sua revisão sobre o capitalismo periférico (PREBISCH, 1981, p. 9). No artigo síntese “*La Evolución del Pensamiento de la Cepal*”, que apresenta a primeira antologia de textos da CEPAL, “*El Pensamiento de la CEPAL*”, organizada pelo autor, Aníbal Pinto (1969) incluiu-a no debate sobre o enfoque redistributivo realizado nos anos 60.

Mesmo tendo presente que a síntese prebischiana é questionável do ponto de vista teórico e ideológico, como bem observou Sérgio Lessa (2001)<sup>3</sup>, há que se reconhecer que, efetivamente, Prebisch apresentou uma proposta transformadora, com significativo *conteúdo progressista e reformador*, porém, à luz periférica latino-americana, como era sua marca, diferenciando-se da social-democracia europeia de então, haja vista a realidade periférica (PREBISCH, 1980, 14; 1981, p. 16-17), e da assim chamada *terceira via*<sup>4</sup> do governo de Tony Blair (do Partido Trabalhista, Inglaterra)<sup>5</sup> ou mesmo do governo de Bill Clinton (do Partido Democrata, Estados Unidos), que apareceriam no período seguinte ao pós-Thatcher/Reagan (os dois baluartes cênicos do neoliberalismo e da guerra).

Afora isso, a crítica de Prebisch (1982) à retomada do *neoclassicismo*, por parte de Milton e Rose Friedman (1980) e Friedrich A. Hayek (1977) é importantíssima para o momento atual, pois, além de desnudar o caráter ideológico do neoliberalismo e do seu engodo para a periferia latino-americana, também esclarece o contexto histórico da retomada das teses do *livre mercado* em meio à crise geral do sistema iniciada em meados dos anos 1970, que, em decorrência da iniciativa do centro dinâmico, resultou na desestruturação dos marcos da nova ordem estabelecida no pós-guerra (acordos de Bretton-Woods e o *Welfare-State*, Estado do Bem-Estar Social).

---

<sup>3</sup> Para Sérgio Lessa (2001), não há como pensar uma síntese entre *capitalismo* e *socialismo*, haja vista que um capitalismo social vem a ser uma negação do socialismo e da possibilidade de ruptura. Na realidade este debate já foi demarcado no texto da Rosa Luxemburgo (1986).

<sup>4</sup> A leitura dos textos de Raúl Prebisch sobre o *capitalismo periférico* instiga o debate sobre as *terceiras vias*. Entretanto, como o assunto requer aprofundamento e o tema não faz parte deste ensaio, para o momento fica apenas o indicativo.

Se se considerar, num sentido amplo, a *terceira via* como algo diferente do “capitalismo concorrencial” (anterior ao capitalismo monopolista) e do “socialismo” (posterior à revolução russa), tanto o nacional-socialismo alemão (nazismo), como o fascismo italiano foram apresentados como *terceira via* e crítica ao pleno liberalismo individual, seja em termos do livre mercado, como na relação entre o Estado e o(s) indivíduo(s). Em sua obra “*Origens do Totalitarismo*”, Hannah Arendt (1989) apresentou um estudo aprofundado e comparativo entre os movimentos *totalitaristas* (nazi-fascista e stalinista). Também analisou a perspectiva do redirecionamento dado nos *totalitarismos* às relações Estado-indivíduo, Estado-partido, Partido-indivíduo, Estado-Líder/Ditador, Inimigo Interno-Inimigo Externo e Nação-Expansionismo (imperialismo).

Outro exemplo de *terceira via*, em terras latino-americanas, foi o próprio peronismo argentino. Certamente que Friedrich A. Hayek (1977) atribuiria, ao peronismo, um conteúdo socialista, o que, no entanto, para Prebisch/Cepal nada mais teria sido do que um caso do “modelo de substituição de importações”. Pedro Fonseca (1999) deixou claro que o “varguismo” veio a ser uma construção do capitalismo no Brasil.

<sup>5</sup> A principal referência recente à *terceira via* é o governo de Tony Blair e uma síntese do seu programa de governo pode ser encontrada em Tony Blair (1998). Sabe-se que o principal teórico da “terceira via” do Partido Trabalhista britânico foi Anthony Giddens e uma breve síntese da teoria do autor pode ser encontrada em seu artigo “*A Terceira Via em cinco dimensões*”, publicado na Folha de São Paulo (GIDDENS, 1999). Para uma leitura da *terceira via* da nova economia mista, pós-keynesiana, principalmente para os casos britânico e norte-americano, confira o estudo de Fernando Jeannot (2000). Uma recepção latino-americana da interpretação da nova configuração socioeconômica e política social-liberal pós-desenvolvimentista pode ser encontrada em Luiz Carlos Bresser Pereira (1996). Sobre a crise do Estado desenvolvimentista cf. BRASIL/PRESIDENTE (1995) e José Luis Fiori (1995).

Para evitar qualquer mal-entendido, pode-se dizer que, se a síntese prebischiana fosse levada às últimas conseqüências na periferia, certamente resultaria ou numa forte reação conservadora do bloco hegemônico local e internacional, isto é, colocaria em *xequê* a aliança imperialista na/da dependência e a segurança do *excedente*, como Prebisch já havia avaliado; ou numa expressiva mobilização social e popular que avançaria no campo político, econômico e social latino-americano, atingindo as bases da exclusão e da marginalização, tão marcantes na América Latina<sup>6</sup>, sendo este, justamente, o paradoxo central do *capitalismo periférico* na *luta distributiva*. Da mesma forma, a crítica que Prebisch apresentou ao *neoliberalismo* é suficiente para sanar qualquer “vírus”, “febre” ou “sarampo tresnoitado” de livre-cambismo entre os periféricos afoitos pelo controle do excedente ou encantados pelo “canto da sereia”, convidando-os a entrarem, com a maior facilidade, no Primeiro Mundo, e na ciranda financeira (PREBISCH, 1982, p. 89).

No artigo “*Crítica al Capitalismo Periférico*”, de 1976, Prebisch fez referência à influência da teoria neoclássica em sua formação (primeira etapa intelectual) e a inviabilidade de se ver a *condição periférica* a partir de seus referenciais teóricos. Afirmava ele que os “neoclássicos não discutem o capitalismo periférico, nem o desenvolvimento periférico. (...) Confesso que em meus tempos juvenis me deixei seduzir pelo rigor lógico e a elegância matemática de suas teorias do equilíbrio econômico” (PREBISCH, 1976, p. 16).

Após seu retorno da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) para a Cepal, no início dos anos 70, mais precisamente na direção do Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômico e Social (ILPES) e da *Revista de la CEPAL*, Raúl Prebisch (1987a, p. 22 ss) pôde, novamente, dedicar-se, com mais tempo, aos estudos teóricos, revisar a interpretação do desenvolvimento latino-americano e contextualizar a condição do capitalismo periférico nos anos 70, em meio à crise do centro dinâmico principal e sua repercussão internacional, em particular, nos países latino-americanos. Ao expor que teve a oportunidade de vivenciar duas grandes crises do capitalismo central e que ambas evidenciaram a vulnerabilidade externa da periferia, a primeira teve seu epicentro na crise de 1929 e na Segunda Guerra Mundial e a segunda com

---

<sup>6</sup> Ao discutir a opção histórica que os setores dominantes latino-americanos, liberal-democratas, principalmente os latifundiários e a burguesia local, fizeram em se aliar de forma subordinada, mas participacionista, ao imperialismo, José Carlos Mariátegui (1975) apontou o limite da construção do *nacionalismo* na América Latina, no séc. XIX e início do XX. Este assunto foi retomado pelos *dependentistas*, como expôs Michael Löwy, ao debaterem o caráter e o papel da burguesia nacional latino-americana num processo de transformação social. Neste sentido, os *dependentistas* mais críticos contestavam tanto a tese do “feudalismo” e do “dualismo”, como faziam a “*crítica do conceito de uma ‘burguesia nacional progressista’ e da perspectiva de um possível desenvolvimento capitalista independente nos países latino-americanos*” (LÖWY, 1999, p. 50).



as crises do petróleo de 1973/75 e 1979, os gastos com a Guerra do Vietnã e a política norte-americana do dólar (déficit fiscal interno e elevação dos juros), Prebisch (1980, 1985) também demarcou o período histórico de uma experiência periférica de desenvolvimento, concluindo que, para além da correção das *falhas* da industrialização e do mercado, eram necessárias uma teoria e uma prática transformadora do capitalismo periférico e do próprio sistema geral.

Como pano de fundo, as reflexões prebischianas sobre o estado da dependência periférica – agora visto como condição do *capitalismo periférico* – partiam da problemática da insuficiência dinâmica do desenvolvimento latino-americano para uma absorção produtiva da força de trabalho. Da mesma forma, no entendimento de Prebisch, o conceito do sistema centro–periferia permanecia válido historicamente, porém, redimensionado nas relações internas e internacionais do período (capitalismo periférico – capitalismo desenvolvido, ambos com suas especificidades na sociedade do consumo). Os principais avanços teóricos apresentados nos textos dos anos 70 dizem respeito aos temas da absorção espúria, à natureza e o caráter do excedente, à condição excludente e conflitiva do capitalismo periférico, à luta distributiva e seus limites histórico-sociais, às relações de poder no capitalismo periférico (dependência e hegemonia)<sup>7</sup>, à equidade social e à crítica ao *novo liberalismo*.

No *Prefácio* da obra de Octávio Rodríguez (1981), “*Teoria do Subdesenvolvimento da CEPAL*”, de autoria de Prebisch, ele contestou uma das críticas que Rodríguez fez à sua trajetória intelectual, esclarecendo que a partir da obra “*Transformación y Desarrollo*”, publicada em 1970, havia revisto sua concepção inicial, reconhecendo os limites de uma interpretação estritamente econômica do desenvolvimento, e incorporado elemento da crítica, em especial, a necessidade de uma visão interdisciplinar e das relações de poder que sustentam (que estão por trás, segundo ele) a produção e a distribuição da renda e da propriedade dos meios de produção, indicadas pela análise histórico-estrutural da *teoria da dependência*.

A obra de 1970, “*Transformación y Desarrollo*”, pode ser considerada como ponto de partida de uma segunda revisão teórica e prática de Prebisch, na qual foi dado destaque à relação entre a insuficiência dinâmica e o novo círculo vicioso da *absorção espúria*. O enfoque redistributivo, produzido na década de 1960, foi acrescido da concepção da necessidade da equidade social no desenvolvimento, cuja problemática resultou, nos textos seguintes, na *teoria da transformação*. Os descaminhos da integração regional latino-

---

<sup>7</sup> Neste aspecto Raúl Prebisch incorporou, positivamente, elementos da teoria da dependência, o que contribuiu para o aprofundamento de sua análise e crítica às relações de poder no capitalismo periférico.

americana foram considerados negativos (PREBISCH, 1982), diante das possibilidades que poderia representar para uma dinamização da industrialização.

O esboço inicial do conjunto da análise de Raúl Prebisch sobre a especificidade do *capitalismo periférico* foi publicado, em forma de artigo, na *Revista de la CEPAL* (n. 1), sob o título “*Crítica al Capitalismo Periférico*”, em 1976. O referido texto mereceu a publicação de quatro comentários de intelectuais da Comissão, todos publicados na edição da *Revista de la CEPAL* (n. 4), em 1977, sendo eles: Joseph Horada, Eugenio Kossarev, Octávio Rodríguez e Marshall Wolfe<sup>8</sup>.

Da produção seguinte, destaca-se o artigo de Raúl Prebisch (1980) “*Hacia una Teoría de la Transformación*”, publicado inicialmente na *Revista de la CEPAL*, em abril de 1980, no qual o autor enfatizou a necessidade da transformação do sistema, do *capitalismo periférico*, e aprofundou alguns elementos da sua proposta de síntese. Neste artigo, Prebisch indicou que o texto era polêmico e aguardava as mais variadas críticas sobre sua análise da “apropriação e uso social do excedente” (1980, p. 2)<sup>9</sup>.

O livro “*Capitalismo Periférico – Crisis y Transformación*”, publicado em 1981, como o próprio Raúl Prebisch (1981) afirmou, foi o resultado mais acabado e volumoso das reflexões sobre o *capitalismo periférico* e do conjunto da *crítica prebischiana* à sociedade de consumo. No mesmo período, entre os anos de 1980 e 1981, o autor realizou várias conferências nas quais apresentou sua teoria da *crítica ao capitalismo periférico* e sua crítica ao *novo liberalismo*. Os resultados de algumas destas atividades foram reunidos no livro “*Contra el Monetarismo*”<sup>10</sup>, publicado em 1982. Esta última obra certamente é menos conhecida do que a anterior – *Capitalismo Periférico* –, porém, atualmente, não pode ser mantida no anonimato, pois apresenta uma crítica ao *neoliberalismo* do ponto de vista

---

<sup>8</sup> Os vínculos institucionais dos autores na Comissão eram, respectivamente: Funcionário da Sub-Sede da Cepal no México; Funcionário da Divisão do Comércio Internacional e Desenvolvimento da Cepal e ex-vice-presidente do Instituto da América Latina, da Academia de Ciências da URSS; Consultor da Divisão de Desenvolvimento Econômico da Cepal, e Diretor da Divisão de Desenvolvimento Social da Cepal.

<sup>9</sup> Na apresentação do artigo, Prebisch (1980, p. 1) retoma os passos da elaboração da sua interpretação do *capitalismo periférico*, indicando a seqüência temporal e reflexiva dos textos-base que havia produzido, até então, e mereciam a leitura dos interessados. Eram eles: “*Crítica al capitalismo periférico*” (*Revista de la CEPAL*, n. 1), “*Estructura socioeconómica y crisis del sistema*” (*Revista de la CEPAL*, n. 6), e “*Las teorías neoclásicas del liberalismo económico*” (*Revista de la CEPAL*, n. 7).

<sup>10</sup> Na obra foram incluídas as seguintes conferências: 1) *Diálogo acerca de Friedman y Hayek (desde el punto de vista periférico)*; 2) *La crisis del desarrollo* – Conferencia pronunciada en Buenos Aires, el 4 de diciembre de 1980; 3) *Crisis de las teorías económicas* – Conferencia pronunciada en Buenos Aires, el 5 de diciembre de 1980; 4) *Conferencia de prensa efectuada en Buenos Aires*, el 16 de diciembre de 1981; 5) *Exposición del 17 de diciembre de 1981*, en la Facultad de Ciencias Económicas de la Universidad de Buenos Aires; e, 6) *Disertación del 18 de diciembre de 1981 sobre su libro “Capitalismo Periférico”*.

periférico. Além do mais, o fato de realizar a crítica aos Friedman e a Hayek<sup>11</sup>, praticamente no fervor da conjuntura, no olho do furacão, e “remando contra a correnteza”, desde então já avisava que o “caminho neoliberal” acentuaria a vulnerabilidade periférica no sistema internacional e retomaria o padrão primário-exportador.

Além das referências já citadas, a produção de Prebisch inclui o ensaio “*Cinco etapas de mi pensamiento sobre el desarrollo*”, de 1982 (PREBISCH, 1987a), o artigo “*La Periferia Latinoamericana en la Crisis Global del Capitalismo*”, publicado na *Revista de la CEPAL*, em 1985 (n. 26) e a obra “*A Crise do Desenvolvimento Argentino: da frustração ao crescimento vigoroso*”, de 1986 (PREBISCH, 1987b)<sup>12</sup>. Nestes dois últimos materiais o autor manteve a concepção da *crítica ao capitalismo periférico* e a crítica ao *novo liberalismo* (vantagens comparativas) adotado, por exemplo, como política econômica na Argentina, após a derrubada do Governo de Evita Perón, em 1976. Referindo-se ao Plano Econômico do Ministro Martínez de Hoz, do governo militar, voltado à abertura da economia nacional (exportações agropecuárias, desindustrialização interna e o turismo salvacionista), Prebisch resumiu o quadro da vulnerabilidade externa de seu país: “agora compreendia mais do que nunca este problema do significado da abertura, porque é *a abertura das veias do país e que o faz sangrar*” (PREBISCH, 1982, p. 179, grifo nosso)<sup>13</sup>.

Na revisão da *crítica ao capitalismo periférico*, percebe-se que Prebisch manteve um diálogo com o processo histórico latino-americano e internacional, o que dá razão a Ricardo Bielschowsky (2000), pois as contradições internas do desenvolvimento na periferia (exclusão social, a luta política e distributiva, e dependência e hegemonia), presentes conceitualmente na interpretação do *capitalismo periférico*, davam conta de vários desdobramentos históricos ocorridos nas últimas duas décadas nos países latino-americanos.

---

<sup>11</sup> No *Diálogo acerca de Friedman y Hayek*, Prebisch (1982a, p. 11-64) fez a crítica à obra de Milton e Rose Friedman “*Liberdade de Escolher: o novo liberalismo econômico*” [Free to Choose: a Personal Statement]. O “Prefácio” da obra foi datado aos 28 de setembro de 1979 (primeira edição nos EUA). A crítica a Friedrich A. Hayek teve por base o artigo “*El ideal democrático y la contención del poder*”, publicado no periódico *Estudios Públicos*. N. 1, diciembre de 1981. (Santiago de Chile).

<sup>12</sup> A obra foi prefaciada pelo Raúl Prebisch Filho e datada em 5 de maio de 1986. Trata-se do último trabalho de Raúl Prebisch, cuja revisão não chegou a ser concluída, pois veio a falecer em 29 de abril de 1986.

<sup>13</sup> Segundo Luiz Alberto Moniz Bandeira, os rumos da nova política econômica argentina (de abertura da economia, privatização e a reorientação agroexportadora), também teve o caráter restabelecedor do poder conservador nas relações entre capital-trabalho no setor industrial. Os dados regressivos do setor industrial, apresentado pelo autor, confirmam, na prática, seu conteúdo neoliberal: “*A junta militar, sob a orientação de Martínez de Hoz, transferiu para o setor privado, entre 1976 e 1980, cerca de 120 empresas industriais e comerciais (...). A contribuição da indústria para o PIB, da ordem de quase 30% em 1974, decaiu para 25%, em 1980, e 23%, em 1982, em consequência do declínio da produção de quase ou praticamente todos os setores manufatureiros*” (MONIZ BANDEIRA, 1987, p. 64).

Contra-pondo-se à tese do *novo liberalismo*, dos Friedman (1980) e de Hayek, sobre a força do mercado (liberdade dos preços e a lei da oferta e da procura) e a máxima da iniciativa privada individual (de se estar *livre para escolher*, da soberania do consumidor, das vantagens da livre concorrência, da solução recessiva até um novo equilíbrio dos preços e da redução da ação do Estado ao *Regime da Lei* e sua máxima desregulamentação), Prebisch (1980, p. 91; 1982) relacionou a crise interna do centro dinâmico, dos Estados Unidos, e sua exportação para a economia mundial (política de juros e política monetária de cunhagem e exportação do dólar para cobrir, artificialmente o déficit fiscal do Estado e da balança de pagamento norte-americana). A crise da dívida externa dos países latino-americanos resultou numa brutal transferência de renda e na socialização das perdas à periferia, ou, ainda, como o próprio Raúl Prebisch havia indicado, na exportação da crise à periferia e na captação cêntrica de parte da produtividade periférica (pagamento de juros às custas das exportações primárias, como foi o caso argentino e o brasileiro no Governo Geisel, com o II Plano Nacional de Desenvolvimento).

Se a *substituição de importações*, de forma geral, foi uma resposta histórica e periférica latino-americana – elitista segundo Tânia Bacelar (1996) –, bem ou mal, atingiu um determinado nível de industrialização, os *golpes militares* foram desdobramentos dos processos reais da luta política e distributiva, tensionadas entre as possibilidades da radicalização à esquerda (voltada para o campo popular, com inclusão econômica e política e ampliação da democracia, como foram os casos da Unidade Popular no Chile, o movimento revolucionário na Nicarágua e em El Salvador e a resistência armada às Ditaduras Militares, durante a década de 70)<sup>14</sup>, e à direita (voltada ao restabelecimento da acumulação, ao aprofundamento da sociedade de consumo e ao controle do poder político nacional – com o uso da força e a imposição de governos autoritários, porta-vozes da aliança dependente e conservadora, como foram os casos do Chile, em 1973, da Argentina, em 1976, e o brasileiro, iniciado em 1964 e em seu “milagre econômico”, no pós-1973).

A partir da história do desenvolvimento latino-americano e sua inserção na economia internacional, Prebisch criticou a base teórica e a forma da divisão do trabalho no sistema centro–periferia, uma vez que a periferia estaria estruturalmente condicionada a permanecer subdesenvolvida e dependente. Portanto, discordava da tese neoliberal que atribuía ao *livre mercado* a função de ser “o supremo regulador do desenvolvimento” (PREBISCH, 1976, p.

---

<sup>14</sup> Na obra de 1970, “*Transformación y Desarrollo*”, Prebisch voltou a se referir à relação entre os agravantes sociais e a possibilidade de ruptura: “o agravamento que está ocorrendo nos males da economia latino-americana oferece um ambiente favorável às ideologias que preconizam a mudança radical do sistema” (PREBISCH, 1970, p. 18).

18). Também deixou claro que, na periferia latino-americana, tão desigual, não haveria como pensar seriamente na “soberania do consumidor” (PREBISCH, 1981, p.16). Enquanto os neoliberais mantinham o princípio liberal clássico de que o Estado deveria ser submetido ao controle dos indivíduos, através das correntes da lei, para não restringir os direitos dos indivíduos, para Prebisch a equidade social teria efetividade através de um consenso constitucional que garantisse o *uso social do excedente*, seja pelo Estado quanto pela iniciativa privada.

A nova crise geral do sistema preocupou o economista argentino, principalmente no que dizia respeito à sua exportação para os países periféricos. Neste período ele foi mais contundente em sua crítica à teoria do livre mercado, atualizada na versão do monetarismo e do Estado mínimo, e considerava a *moda* do neoliberalismo uma febre. Após sua morte a Cepal praticamente silenciou sobre esta crítica e com o enfoque da *transformação produtiva com equidade* (CEPAL, 1990 e 1992), nos anos 1990, aderiu às reformas neoliberais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo* –anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. “Brasil: o modelo de desenvolvimento” In: BENJAMIN, Cesar e ARAÚJO, T. B. de. *Brasil Reinventar o Futuro*. 2. ed., Rio de Janeiro: Sindicato dos Engenheiros no Rio de Janeiro, 1996. p. 7-34

BIELSCHOWSKY, Ricardo. “Cinquenta anos de pensamento na CEPAL – uma resenha” In: \_\_\_\_\_(org.). *Cinquenta Anos de Pensamento na CEPAL*. Rio de Janeiro: Record, 2000. v. 1 p. 13-68

BLAIR, Tony. *La Tercera Via por Tony Blair*. Madrid: El País / Aguilar, 1998.

BRASIL, PRESIDENTE. *Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado*. Brasília: Presidência da República/Câmara de Reforma do Estado/Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado, 1995.

CARDOSO, Fernando Henrique e FALETTO, Enzo. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica*. 7. ed., Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1970.

CEPAL. *Equidad y Transformación Productiva: un Enfoque Integrado*. Santiago do Chile: ONU/CEPAL, 1992.

\_\_\_\_\_; *Transformación Productiva con Equidad*. Santiago do Chile: ONU/CEPAL, 1990.

FIORI, José Luís. *O Vôo da Coruja: uma leitura não liberal da crise do Estado desenvolvimentista*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1995.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *Vargas: o Capitalismo em Construção 1906-1954*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

FRIEDMAN, Milton & Rose. *Liberdade de Escolher: o novo liberalismo econômico*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

- FURTADO, Celso. “O manifesto dos periféricos” In: \_\_\_\_\_; *A Fantasia Organizada*. 3. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 53-63
- GIDDENS, Anthony. “A Terceira Via em cinco dimensões” In: *Folha de São Paulo – Caderno Mais (5)*. 21 de fevereiro de 1999. p. 4-5(5)
- GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. *Quinhentos Anos de Periferia*. 2. ed.; Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Universidade/UFRGS/Contraponto, 2000.
- HAYEK, Friedrich A. *O Caminho da Servidão*. 2. ed., Porto Alegre: Ed. Globo, 1977.
- LESSA, Sérgio. “Prefácio (Marx e a dupla maldição)” In: SILVA Jr., João dos Reis; GONZÁLEZ, Jorge Luis Cammarano. *Formação e Trabalho: uma abordagem ontológica da sociabilidade*. São Paulo: Xamã, 2001. p. 7-14
- LÖWY, Michael. *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 1999.
- LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma Social ou Revolução?* São Paulo: Global, 1986.
- JEANNOT, Fernando. *Terceira Vía: la Nueva Economía Mixta que Impone el Pragmatismo*. México, D.F., Plaza y Valdés, 2000.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana*. Lima: Biblioteca Amauta, 1975.
- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *Crise Econômica e Reforma do Estado no Brasil: para uma nova interpretação da América Latina*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- PREBISCH, Raúl. *Capitalismo Periférico – crisis y transformación*. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.
- \_\_\_\_\_; “Cinco etapas de mi pensamiento sobre el desarrollo” In: CEPAL. *Raúl Prebisch: un Aporte al Estudio de su Pensamiento*. Santiago de Chile: CEPAL/Naciones Unidas, 1987a. p. 13-30
- \_\_\_\_\_; “Cinco etapas de mi pensamiento sobre el desarrollo” In: *El Trimestre Económico*. (janeiro-abril, 1983) 98. p. 1077-1096.
- \_\_\_\_\_; *Contra el Monetarismo*. 2. ed., Buenos Aires: El Cid Editor, 1982.
- \_\_\_\_\_; *A Crise do Desenvolvimento Argentino: da frustração ao crescimento vigoroso*. São Paulo: Edições Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1987b.
- \_\_\_\_\_; “Crítica al Capitalismo Periférico” In: *Revista de la CEPAL*. n. 1, Primeiro Semestre de 1976. p. 7-73
- \_\_\_\_\_; “O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas” In: *Revista Brasileira de Economia*. Ano 3, n. 3, setembro de 1949. p. 47-111/
- \_\_\_\_\_; “Hacia una Teoría de la Transformación” In: *XIII Congreso Interamericano de Planificación: la planificación posible en la prospective socio-política da latinoamérica*. Caracas, 26/31 de Octubre/1980.
- \_\_\_\_\_; “La Periferia Latinoamericana en la Crisis Global del Capitalismo” In: *Revista de la CEPAL*. Santiago de Chile, Agosto de 1985. n. 26. p. 65-90
- PINTO, Anibal (org.) *América Latina: El Pensamiento de la CEPAL*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1969. (Col. Tiempo Latinoamericano)

SOARES, Laura Tavares. *Ajuste Neoliberal e Desajuste Social na América Latina*. 1ª reimpressão, Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

TAVARES, Maria da Conceição. *Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro* – ensaios sobre economia brasileira. 11. ed.; Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 27-124.

TAVARES, Maria da Conceição e FIORI, José Luís. *(Des)Ajuste Global e Modernização Conservadora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.